

A ONTOLOGIA PÓS HISTÓRICA DE VILÉM FLUSSER

FILIFE AUGUSTO MARQUES FERREIRA

1. Introdução

Vilém Flusser (1920-1991) foi um filósofo checo radicado no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. O êxodo e a fatalidade de ter sua família dizimada no campo de extermínio nazista, contribuiu para uma conotação fatalista em sua filosofia. Escritor profícuo, produziu textos e artigos filosóficos sobre epistemologia, hominização, teoria da comunicação e ontologia. Este último é o tema do presente artigo. Trata-se do estudo de tudo aquilo que é por si mesmo, uma pesquisa sobre o ente das coisas e seu modo de ser, sua condição enquanto realidade. Me restringi nas obras “Pós-História”, “Gerações” e “Elogio da Superficialidade” para abordar a *episteme* tecnológica e o impacto para o ser-no-mundo.

Para o autor, a capilaridade da tecnologia se dá, não somente por mediar a comunicação humana, como também pela interferência dos modos de subjetividade: a condição de entendimento humano de sua realidade. Por uma escrita investigativa, corre pelo passado para circular os sinais sintomáticos da cultura e por novas associações, religar o humano para o humano em sua principal potência: a de produção de sentido. Uma espécie de martelo nietzscheano que tem a função, dentro da crítica cultural, auscultar o material simbólico para entender o que está oco, a fim de reformar tal superfície. Flusser detecta que o quê está oco, nessa era pós-industrial, é justamente o chão que pisamos.

Isso significa que o simbólico das relações humanas está passando por uma mudança estrutural. O meio, na qual flui a mensagem entre emissor e receptor, interfere diretamente na estrutura dada pela mensagem. É dizer que, assim como a formação da estrutura da escrita ajudou o homem a desenvolver um nível de inteligência como a lógica, as *tecnoimagens* (imagens feitas por aparelhos) proporciona, por si, novos

horizontes para a inteligência humana. A nível histórico isso é sem precedentes e tal inteligência é chamada por Flusser de *tecnoimaginação*.

No livro “Filosofia da caixa preta” o autor investiga o efeito que a invenção da fotografia causou para a comunicação. Em seu vocabulário, pensou a fotografia para além do input e output da celulose (película fotográfica): em que o gesto fotográfico interfere no modo de pensar e retratar a realidade. No livro “Elogio da superficialidade” e “Pós história” o autor avança para os desdobramentos da invenção da imagem em movimento, até se chegar a nossa contemporaneidade, nos terminais de comunicação digital como: televisão, telas de computadores, podendo se estender para os celulares que se tornaram um apêndice do corpo humano.

Flusser morreu em 1991 deixando um legado para a comunicação digital. Foi um filósofo que compreendeu muito bem a sua atualidade e soube especular (do latim *speculum* que remete a espelhamento) a nova estrutura da comunicação. Cabe aos filósofos e estudantes de comunicação dar continuidade aos seus estudos que são de suma importância para se pensar a nossa realidade tecnológica.

2. Ontologia alfanumérica

A artificialidade é a maneira de gozar a naturalidade. O que gozei destes campos vastos, gozei-o porque aqui não vivo. Não sente a liberdade quem nunca viveu constrangido. A civilização é uma educação de natureza. O artificial é o caminho para uma apreciação do natural. O que é preciso, porém, é que nunca tomemos o artificial por natural. É na harmonia entre o natural e o artificial que consiste a naturalidade da alma humana superior. (PESSOA, 2021, p. 43)

Segundo Flusser, a máscara da cultura no ocidente caiu com a segunda guerra mundial. A sociedade viu seu rosto pavoroso e a tecnologia, com toda sua artificialidade, intenta sustentar a máscara novamente. Para o autor, o evento de Auschwitz foi a mais sucinta e crua formulação que a cultura do ocidente vinha permeando com seus passos tortuosos numa tradição racionalista. A manipulação dos corpos pelos nazistas escancarou a crueldade da objetificação humana pela ciência. Auschwitz foi um exemplo concreto da tendência ocidental rumo ao aparelho. “*Pela primeira vez na história,*

podemos vivenciar que a utopia, em não importa que forma, para a qual tendemos é o campo de extermínio". (FLUSSER, 2019 p. 14)

A revolução industrial (século XVIII) teve mudanças ontológicas no sujeito e a passagem para a pós-industrial (final do século XX) também está em curso. Para o camponês da era agrícola (até o século XVII), o conceito de matéria era as formas imutáveis como o animal e o vegetal. Para o operário, a matéria era as formas mutáveis e deveriam ser manipuladas e alteradas de acordo com o projeto industrial. A classe dominante na era agropecuária eram os pastores, e tinham a responsabilidade de cuidar dos seus funcionários como rebanho. Na industrial, os donos de fábrica são como martelos para moldar a sua massa de operários. Cada qual também havia administradores que exerciam influência na classe dominante: como a Igreja no período agropecuário e o Estado na era industrial. Na atual era pós-industrial, o conceito de matéria são as formas programáveis como o alimento transgênico soja que sofreu mutação genética para ser resistente a pragas; ou um corpo que altera seu gênero pela intervenção científica.

Para o camponês "viver" significa tratar da natureza viva, ocupar o lugar "justo" dentro da ordem do cosmos animado. O camponês se rebela, se tal lugar predestinado para ele lhe for negado. O camponês é conservador pela ontologia que o domina. Para o operário "viver" significa usufruir do resultado do seu trabalho, da obra. Quando constata que parte do resultado, a "mais valia", lhe é negado, procura estabelecer uma justa distribuição dos bens disponíveis. O operário é revolucionário pela ontologia que domina. Para o funcionário "viver" significa funcionar dentro de um aparelho que lhe proporciona seus direitos. Se o aparelho lhe negar tais direitos, é que foi mal programado e está mal funcionando, deve ser consertado. Para o funcionário o direito não é juízo ético ou político, mas juízo formal. Na sociedade pós industrial não há sentido querer distinguir-se entre conservadorismo e revolução, entre direita e esquerda. A política vai perdendo todo significado. (FLUSSER, 2019 p. 39)

Para entendermos essa transição o autor categoriza a tentativa de minimizar o esforço do trabalho como: 1) Na era agropecuária a maioria era feita de camponeses, a minoria de artesões, e uma ínfima minoria de administradores; 2) Na era industrial a maioria como operários, a minoria como camponeses e ínfima minoria de administradores; 3)

Na pós-industrial a hipótese era de que a maioria seriam de funcionários administrativos (prestadores de serviço), a minoria de operários e ínfima minoria de camponeses.

Mas essa previsão falhou nos processos do terceiro item, houve uma mudança na ontologia da classe dominante e para explicar temos que partir da práxis do funcionário. Num passado recente, o prestador de serviço, sentado atrás de uma mesa, ordenava papéis compostos por símbolos (letras e algarismos) e numa triagem dava destino a esses papéis para outros funcionários. A introdução dos computadores acelerou esse processo e institucionalizou o que o autor classifica como “mundo codificado”: o funcionário recebe símbolos, armazena símbolos, produz símbolos e os emite.

Para visualizarmos a digitalização da linguagem humana, Flusser dá um exemplo metafórico do passaporte. Este documento é composto por um código numérico que significa o seu portador: o passaporte é uma representação do seu dono. No entanto, essa lógica se inverte para o funcionário que trabalha com passaportes, há uma troca de vetor semiótico entre significante e significado na percepção da realidade. Aqui os símbolos não têm a mesma acepção do que para os lógicos, não são produtores de sentido, senão a própria realidade do funcionário. É por esse trabalho que o funcionário adquire seus direitos: é seu modo de estar no mundo. Assim, os códigos passam a ser significados e os portadores do passaporte passam a ser significantes: apenas representações. A partir dessa metáfora, mesmo que mecânica, podemos entender o que está em jogo nas relações interpessoais mediadas pela tecnologia.

A ciência e a técnica, estes triunfos ocidentais, destruíram para nós a solidez do mundo, para depois reestruturá-lo sob a forma de aura imaginística e imaginária de superfícies aparentes (FLUSSER, 2019, p. 55).

O novo período que estamos é chamado por Flusser de tecnocracia. O funcionário não se compara ao camponês ou ao dono de fábrica, mas aos servos e operários. São engrenagens dentro de programas, e teoricamente a classe dominante seria a dos programadores, porém esses também são mão de obra especializada como artesãos antigamente: a verdadeira classe dominante já não é humana senão alfanumérica.

Esses jovens programadores são a nova classe de trabalhadores designada de jogadores. Para eles manipular os símbolos é alterar o funcionamento e qualquer transcendência dentro disso é metafísico, no sentido pejorativo da palavra. O autor classifica-os como neopositivistas; para eles viver é fazer parte de um jogo absurdo.

O próximo passo é conseqüentemente a automação, formando uma rede cibernética composta de funcionários e aparelhos. Nessa nova ontologia o ente humano é funcionário a ser programado para viver bem em contexto simbólico. O modelo atual para Flusser é fatalista e distópico: cabe a reflexão - "*Eichmann como modelo de funcionário, Kissinger como modelo de programador, Auschwitz como sociedade pós-industrial*" (FLUSSER, 2019 p. 42).

3. Abstrair - Vontade de ilusão

O ser humano está inserido em uma atmosfera constituída de espaço tempo, num mundo de volumes que afetam sua subjetividade enquanto fenômeno. Com as mãos o *ser* pode parar o objeto e, com o artifício do cérebro, significar o que está a sua frente (*próblema*). Segundo Flusser esse é o gesto primordial da abstração.

Passaram milhares de anos para que esse mesmo ente aprendesse a olhar primeiro e manipular em seguida. O olhar é o segundo gesto abstraidor. Ao contemplar uma circunstância, o ser projeta tal volumetria em uma superfície plana. Transforma a circunstância em cena como nos complexos de cavernas Lascaux na França. É graças a esse estágio que o *ser* se transformou em homo sapiens: em *ente* que age conforme um projeto (FLUSSER, 2019, p. 11).

O terceiro gesto abstraidor foi a invenção da escrita que possibilitou transformar a cena em processo: é aqui que o *ser* se torna um *ente* histórico. "*Os textos representam cenas imaginadas, assim como as cenas representam a circunstância palpável*" (FLUSSER, p. 12, 2019).

O quarto gesto abstraidor se dá com a computação. A inteligência humana, materializada nos textos históricos, caíram no abismo zero dimensional dos bits a serem calculados pela programação do homoludens. Não mais valorizamos o mundo apenas por linhas escritas, mas também por superfícies de imagens imaginadas. O mundo não se apresenta mais como linha-processo acontecimento, mas como plano-cena-contexto. A mesma estrutura que era para os pré-históricos e para os analfabetos se não fosse a escrita a base para tais imagens técnicas.

Abstrair não é progredir, mas regredir, é um “*reculer pour mieux sauter*”, de maneira que a história da cultura não é uma série de progressos, mas dança em torno do concreto. No decorrer de tal dança, tornou-se sempre mais difícil, paradoxalmente, o retorno para o concreto. Tal conscientização do absurdo da abstração caracteriza o clima do último estágio (*endgame*) no qual estamos (FLUSSER, p. 15,

2019)

Com a queda do império romano do ocidente, aproveitando o ensejo do enfraquecimento político, a igreja católica se consolidou como cúpula social juntamente com a monarquia. No alto da casta, a aristocracia passou a ditar costumes que atendessem a seus predicados religiosos e o sentido da realidade passou a orbitar ao redor do problema divino. Aos poucos, a catedral se tornou um símbolo de uma arca cultural e ocupou as matrizes das cidades da Europa. A realidade aqui era tida como meio para a realização de fins mais elevados.

Após o renascimento, com a contribuição de Descartes (*lei do Cogito*), o “Eu-capaz-de-duvidar” passou a ser o centro gravitacional. O *ser* converteu-se em descobridor de objetos que a razão lhe sorvia com potência de significação. Dessa forma, possibilitou um maior *relativismo* dos modos de pensar e o imaginário, como um campo verificador da realidade, passou a ser supervalorizado.

O cristianismo medieval desprezava o mundo dos sentidos, porque valorizava a realidade, aquele transcendente que a fé proporcionava. O Renascimento despreza essa realidade, porque valoriza a aparência que os sentidos fornecem. (FLUSSER, p. 120, 2017)

O período *barroco* foi marcado pelo surgimento da ciência moderna. Flusser traça uma cosmovisão dessa época pela seguinte equação: “(=)”. Significa o primeiro “(“

como o modelo do racionalismo e o segundo “)” como sendo o empirismo. O sinal “=” fica para a ciência. É dizer que a concepção de transcendência do primeiro aponta para o exterior, para a tentativa de entendimento das coisas extensas. Já para o empirista dessa época, transcender seus limites epistemológicos é conhecer o *ser* a partir das coisas extensas. A ciência como o sinal de equivalência tende a transcender de dentro para fora: quer ir além das abstrações dadas por esses dois modos de entender a origem do conhecimento. *“A meta da ciência moderna é enquadrar as sensações nas equações da matemática pura”* (FLUSSER, p. 168, 2017). Lembrando que a concepção de matemática e física moderna não é qualitativa como pensava Pitágoras, senão quantitativa, que num gesto devorador aniquila a natureza extensa para geometrizá-la. Os jardins monumentais barrocos revelam tal sintoma.

A concepção de natureza passou a ser a coisa extensa a ser manipulada para ser melhor processada pela frágil concepção de razão da época. Nessa epistemologia podemos encontrar a possibilidade da escravidão já que os negros da África eram tidos como selvagens, portanto natureza a ser moldada.

A tomada de consciência de que havia um sujeito no escravo e que sua condição de alienação era em vista de sua própria sobrevivência, só foi possível no período posterior: o Romantismo.

Os realistas afirmavam que a razão é um instrumento adequado para a captação de Deus. Os racionalistas afirmam que a razão é um instrumento adequado para a captação do mundo objetivo. Em outras palavras: os realistas davam razão à fé, enquanto os racionalistas nutrem fé na razão, e invertem assim o realismo. Essa fé na razão significa a crença de que a todo algarismo corresponde um ponto e vice-versa, ou, reformulando, que a todo conceito verdadeiro corresponde um objeto e vice-versa. (FLUSSER, p. 170, 2017)

5. A digitalização da linguagem humana

Depois da alfabetização em massa na sociedade industrial, a escrita se ramificou em novas funcionalidades. Nossa comunicação é baseada em diálogo (comunicação

intersubjetiva) e discurso (comunicação *objetiva*), sendo que o diálogo pressupõe um discurso, que por si também pressupõe um diálogo. Para um bem comum social é necessário que essas duas formas estejam equilibradas, caso contrário a cultura começa a produzir sintomas negativos como é o caso da contemporaneidade. Assim sucessivamente a evolução da comunicação e do conhecimento humano fez com que esses dois elementos se ramificassem.

Grosso modo, o Ocidente elaborou dois tipos de diálogo, e quatro tipos de discurso. Os diálogos são circulares (exemplos: mesas redondas, parlamentos), ou redes (exemplos: sistema telefônico, opinião pública). Os discursos são teatrais (exemplos: aulas, concertos), piramidais (exemplo: exércitos, igreja), árvores (exemplos: ciência, artes), e anfiteatrais (exemplo: rádio, imprensa). (FLUSSER, p. 63, 2019)

O discurso em redes é um passo adiante do modo circular, tanto em comunicação interpessoal, grupal e em massa. Do ponto de vista histórico a comunicação vertical é cada vez mais fluida. A queixa da “falta de comunicação” que culturalmente se propaga é na relação de paridade, na comunicação horizontal. Trata-se de um ruído abissal do diálogo interpessoal que provém de aspectos sintomáticos culturais da falta de espírito coletivo: um problema na tradução/tradição.

A categoria dos discursos também é fruto de uma evolução histórica. A comunicação teatral é a mais antiga. É a da matriarca que, numa postura de responsabilidade, transmitia o conhecimento para os mais novos da tribo sentados em semicírculos prontos para questionar. Insuflado o número de habitantes para a polis e a superação megalomaniaca imperial dos modelos tribais, o discurso se fez piramidal. Não há contestações, a massa deve ser obediente às leis e aos comandos de cima. Há um sacerdote que capta a mensagem divina que é processada por relais que *tra-dizem* para os receptores. O clima é o da tradição e o da religiosidade. Com a modernidade, num período renascentista, preservou-se a hierarquia, mas os relais armaram um modelo circular de diálogo a fim de produzir novas informações. O resultado foi a ramificação das ciências e das artes em suas inúmeras variedades e especializações com gramáticas cada vez mais interiorizadas. Para aquele que não é iniciado, ficou cada

vez mais difícil entender o conteúdo processual e a visão holística começou a ser ofuscada.

A comunicação anfiteatral é o aparelhamento da tradução da mensagem. O intuito é simplificar e dar velocidade na informação. Aqui se encontra o surgimento das imagens técnicas (imagens feitas por aparelhos). Se o surgimento da escrita foi por uma contrarrevolução iconoclasta, as imagens técnicas, pós alfabetização em massa, surgem contra a complexidade do código escrito. Mas não se enganem, ler imagens técnicas em profundidade é muito mais complexo do que a leitura textual. Isso porque para ler as imagens técnicas em profundidade temos que ser letrados. Se a história é marcada pela escrita, segundo Flusser, um novo período se abre com as imagens técnicas com o conceito de programação. A história como conhecemos passa a ser contada por um novo meio, com uma outra mensagem: a história é pretexto a ser codificada pelas imagens técnicas.

As novas imagens não são apenas modelos para futuros produtores de imagens, mas são, mais significativamente, modelos para a futura experiência, para a valoração, para o conhecimento e para a ação da sociedade. Frente a toda nova imagem, o universo imaginário da sociedade é transformado, e o poder da imaginação faz com que a rigidez da circunstância, anterior à produção de imagens, seja substituída por fluidez e maleabilidade. (FLUSSER, p. 18, 2019)

Com o surgimento das imagens técnicas e a horizontalização da comunicação grupal, segundo Flusser, exige de nós a tecnoimaginação. A dialética dos espectadores frente aos terminais (ecrã), flui como a privatização do público e a publicação do privado. No século XX, com a comunicação de massa, o espectador ao ligar o aparelho televisivo privatizava o sinal-mensagem produzido pela emissora. Neste enquadramento não havia interação direta com o espectador. A mensagem era formatada para uma massa influenciável. Com a horizontalidade da internet houve a possibilidade de uma outra via: a da publicação do privado. Nesse contexto, a política, no sentido tradicional, vai perdendo o seu significado com o auto-comunicador de massa.

6. A virtualidade do Eu e a sociedade do espetáculo

A concepção de “eu”, na programação do cérebro, almeja o inusitado, o aventureiro capaz de reafirmar a sua existência. O mundo como vontade e representação deve ser contabilizado como fruto da existência de um campo inconsciente, constituído apenas de significantes, sejam códigos linguísticos ou imagens, capazes de nos atrair a dar novos significados às coisas. Como fenômeno, a consciência do sensorial presente, abre uma fenda que aponta, ao mesmo tempo, para o passado e para o futuro. A palavra é a “*representação de um estímulo nervoso em sons*” (NIETZSCHE, p. 150, 2020) e a imaginação é a “*capacidade de representar um objeto ausente*” (GALIMBERTI, p. 615, 2010). O cérebro humano funciona como um atualizador da memória que não se cansa de significar sua realidade a todo instante.

A linguagem humana se camufla nas significações do sujeito. De modo que, ao tentarmos objetificar a “linguagem” para uma análise teórica, isso só é possível pelo uso abstraidor que nela contém. Não é possível pensar a linguagem sem linguagem, do mesmo modo que é impossível pensar o *ser* sem *ser*. Um signo linguístico não é autossuficiente para representar um referencial:

é sempre necessária uma palavra ou figura para explicar outra. De modo que a linguagem humana é uma cadeia de sinais que apontam para um referencial fissurado de significação.

A conquista da bipedia teve mudanças biológicas fundamentais para o surgimento do homo sapiens. A mais enigmática delas foi o que o Freud conceituou como o recalque orgânico. Consiste no salto do instinto animal para as pulsões (*trieb*) da linguagem. O homem passou a ser um ente abstraidor capaz de fazer uma dobra no referencial, que até então só apontava para fora de si, e passou a se autorreferenciar. No triunfante “Eu” jaz a questão ontológica da existência humana: a do ser-no-mundo. A palavra é originalmente mito porque é capaz de fazer fronteira entre dentro e fora de si (FIORI, p.30, 2019). O ente humano “hominiza-se” ao se expressar e ser surpreendido com a errância de sua atuação. O sujeito conhece a si mesmo na significação do rastro de seus atos: na forma em que o seu *ser* se desvela no presente.

A ideia de signo (sinais) e linguagem já vinha se rascunhando há muitos séculos, desde Platão e Aristóteles. Mas o grande impulso foi com Kant que viabilizou o pensamento fenomenológico estruturado por três esferas: a do sujeito, a da imagem (que medeia o sujeito e o objeto) e a do objeto. Os estudos que se ocupam na esfera do sujeito são aqueles que tratam da gênese do pensamento humano como a psicologia e a psicanálise. Na esfera da imagem a ocupação é a lógica. E o estudo a partir do objeto, que olha para o sujeito, é a ontologia.

Para conseguir visualizar o estudo fenomenológico, temos que ter a ideia de um “dado de jogo”. É impossível ver os seis lados do cubo ao mesmo tempo, o máximo que se pode chegar é a três superfícies. Para conseguir observar as demais, é necessário mudar o ponto de vista em um giro copernicano. Todo objeto de estudo se apresenta parcialmente para o sujeito e o ponto de vista deve se alterar para um conhecimento seguro. Por isso a importância da esfera da imagem que medeia o sujeito e objeto, como um campo de verificação da realidade. Quanto mais fiel é a imagem com o objeto mais próximo estamos de sua representação fidedigna. No entanto, com um imaginário supervalorizado culturalmente, a categoria de imaginar sofreu mutação: imaginar diante do universo das imagens técnicas é concretizar o abstrato.

Redefinamos “imaginar” no significado aqui pretendido: imaginar é fazer com que aparelhos munidos de teclas computem os elementos pontuais do universo para formarem imagens e, destarte, permitirem que vivamos e ajamos concretamente em um mundo tornado impalpável, inconcebível e inimaginável por abstração desvairada. A definição visa captar a situação na qual estamos; captar o clima espectral do nosso mundo; mostrar como tendemos atualmente a desprezar toda “explicação profunda” e a preferir “superficialidade empolgante”; mostrar o quanto critérios históricos do tipo “verdadeiro e falso”, “dado e feito”, “autêntico e artificial”, “real e aparente”, não se aplicam mais ao nosso mundo (FLUSSER, 2019, p. 54)

Para a psicanálise, essa estrutura fenomenológica se inicia quando a criança adentra ao campo do simbólico e consegue articular sua subjetividade no simbólico do “*Eu*”. Num primeiro momento da fala da criança, ela se expressa em terceira pessoa numa triangulação “*Eu-Tu-Ele*” em formação; exemplo –

“Neném está com fome. Neném está com sede”. O registro simbólico é o rejunte do piso que liga cada um de nós como uma rede de códigos linguísticos. Essa passagem é chamada de clivagem do Eu, uma analogia ao termo *clivagem do zigoto*, que corresponde a primeira duplicação celular do óvulo fecundado. É nesse período que se funda a possibilidade da consciência se ocupar, ora dentro, ora fora de si. A junção dessas duas coisas é o que forma a dialética para o engajamento do *ser-no-mundo*. Para Flusser o simbólico no tecido social é um caça palavras.

Ao mesmo tempo que medeia o sujeito e o objeto, a imagem também se interpõe no meio dessa dialética. A mediação funciona como mapas que auxiliam o *ser no mundo*, mas como interposição é como um biombo que fecha o seu horizonte. A escrita surgiu num período em que a imagem estava se afirmando como interceptadora da realidade em si. Fato que influenciou os primeiros escribas a serem iconoclastas: escritos contra a imagem. O código escrito é o fio que intenta deslindar a cristalização de significado da imagem. Tais fios teceram ao longo da história um grande mapa de significação. Na atual conjuntura, a digitalização da linguagem humana consiste no rompimento do serial das linhas no abismo zero-dimensional nas telas computadas. O texto se tornou o script das imagens em movimento e as vértebras da programação.

Homo ludens será o jogador que, em diálogo com outros, computará os quanta e os bits do universo vazio, a fim de criar estrato de informações para encobrir o abismo do nada com pele do significado.
(FLUSSER, p. 138, 2019)

O enquadramento atual nos coloca como espectadores da produção cultural telematizada. Assistimos e devolvemos gestos atribuídos a uma confluência de informações que matizam a cultura vigente. Nossa demanda é por imagens novas todos os dias. O problema em questão é que tais imagens técnicas se apresentam como significados já dados, de forma a deixar o cérebro do espectador, com alto poder de significação, passivo a sua realidade. Flusser salienta que devemos resistir ao fascínio mágico que emana de tais imagens, para assumirmos uma postura ativa (dialética) a fim de computarmos e assim contribuir com esse novo horizonte de significação.

O poço que alimenta criativamente essas imagens técnicas é a própria história que, na atual conjuntura, é pré-texto para nos entusiasmar. Segundo o autor, a médio prazo iremos presenciar o mórbido tédio da condição existencial quando houver um colapso do esgotamento desse enorme rio-história. Tal situação obrigará o ser o labor de um salto, artístico e estético, no seu modo de estar no mundo. O modelo emocional cultural (o espírito da época), como percepção sensorial do mundo, infantiliza nosso desejo para o “novo” como um estimulante capaz de negar o vazio. O espectador frente a sociedade do espetáculo telematizada, além de passivo, tende à imobilidade: sua ação é um salto sem saltar, angústia pura na definição de Kierkegaard (1813-1855).

Trata-se da “pós-história” no significado exato do termo. Os atos não mais se dirigem contra o mundo a fim de modificá-lo, mas sim contra a imagem, a fim de modificar e programar o receptor da imagem. É o fim da história, porque, a rigor, nada mais acontece, porque tudo é doravante espetáculo eternamente repetível. A reta da história se transforma no círculo do eterno retorno. As imagens passam a ser as barragens que acumulam eventos a fim de recordá-los em obstáculos repetitivos, isto é, em programas (FLUSSER, 2019, p. 75)

7. Sintomas culturais

Na sociedade pós-industrial a técnica ocupou o centro gravitacional com suas imagens que espelham o mundo e a subjetividade passou a orbitar o seu ao redor. Diante dessa sociedade do espetáculo, na qual o mundo despenca diante de nossos olhos, o jorro de significação encobre o vazio. O mundo codificado se apresenta como autossuficiente em significações e nossa postura é de reagentes desses significados. Entretanto, na realidade só existem significantes e o chão que pisamos é movediço.

As imagens técnicas significam apontando na direção do nada insignificante lá fora. Todas essas fotos, esses filmes, TV, vídeo e imagens computadas são significantes precisamente porque o mundo apontado por elas é insignificante (FLUSSER, 2019, p. 63)

A teoria do conhecimento na filosofia estuda o fenômeno dialético para se obter um conhecimento seguro. A dialética só existe em cima de contradições. Em Platão a dialética estava diante de diálogos aporéticos em que a contradição do argumento do outro possibilitava a conversão (*periagoge*) das ideias. Em Descartes a dialética estava

dentro da sua retórica cética investigativa. Kant, na análise do metafísico, dividia o conhecimento puro *a priori* em dois elementos: o das coisas como fenômeno e o das coisas em si. Através da dialética, verifica se a verdade na concordância entre eles e os colocava numa ideia racional do *incondicionado*: “*que não pode ser pensado sem contradição*” (KANT, p. 22, 2018). Para Hegel a dialética é formada por um princípio (ou conceito) que ao ser realizado (aplicado a realidade) produz uma negação desse princípio de identidade. Uma contradição, não no sentido lógico formal, mas real e objetivo, que é recuperada num movimento de retorno ao conceito, elevando-o assim, a um outro grau de complexidade. Neste último temos uma dialética progressista dos conceitos que avançam em detrimento com a historicidade.

Doravante, é necessária uma nova educação estética que vise uma dialética com a tecnologia para que o gesto "computacional" desvele a nova superfície epistemológica. Não é uma questão de vilipendiar a tecnologia em si, mas superar a concepção convencional numa heurística através das teclas e do *touch* das telas.

O mórbido tédio que Flusser profeticamente descreve já começa aparecer com o aumento de casos de depressão. A falta de um tempo lógico para os conceitos minimamente se alocarem, é atravessada pela agilidade tecnológica. A relação homem-máquina ameaça a condição humana que não aceita ser superado em inteligência. Se a ferramenta nasceu como extensão do corpo humano, a cibernética enredou o ser e o enclausurou dentro de programas como funcionário de aparelhos. O tédio é sintoma da mordida da tecnologia e a busca crescente por estimulantes se dá para evitar o espanto vertiginoso como o nada. Tal postura é uma regressão para a compreensão da condição humana definida idealmente por Camus no livro “O Mito de Sísifo”: o homem absurdo é o que assume a postura de limitado, mortal e revoltado. A cultura ocidental almeja superar essas três categorias e por isso dá as costas para elas. Não deseja simbolizar aquilo que visa superar.

A sociedade do cansaço no século XXI, através da alienação de si pelo mercado

de trabalho, proporciona para o sujeito o entretenimento como recompensa. O divertimento se tornou um clima vital e liberou o cidadão do compromisso com a dialética e o mundo tornou-se espetáculo das imagens técnicas. O riso absoluto da memeficação da vida ofusca uma subjetividade autônoma e a teoria (contemplação da verdade dos objetos) ganha um tom jocoso.

O entretenimento se tornou anti-político. Nele há um afrouxamento da tensão dialética e a absorção do conteúdo se dá sem o utensílio da razão. Para Flusser, influenciado por Hegel, não há paraíso político porque tal tensão dialética entre ser e mundo proporciona uma consciência infeliz. O sensorial, sendo anterior à formação da consciência, período chamado de *hiância* na psicanálise, não exige uma reflexão do interior nem do exterior de si: é estado pré-ontológico de consciência.

As sensações não são ainda nem eu nem mundo. “Eu” e “mundo” não passam de extrapolações abstratas da sensação concreta. A experiência da sensação faz esquecer “eu” e “mundo”. O filme, a TV, a notícia sensacional, o jogo de futebol divertem a consciência da tensão dialética “eu-mundo”, porque são anteriores a esses polos. A sensação é mais “primitiva” que a consciência, anterior à alienação entre homem e mundo (FLUSSER, 2019, p. 120).

O conceito de teoria há de ser redefinido. Na sociedade agropecuária a teoria era uma visão das formas imutáveis. Na sociedade industrial a teoria era a elaboração de novos modelos. Na sociedade pós-industrial a teoria caminha para ser “estratégia de jogos”. Flusser salienta que nossa origem mítica nos habituou a pensar sobre nosso destino (finalidade), a ciência da natureza nos dirigiu a pensar a causalidade, e sua proposta é agregar um terceiro item: o da programação.

As explicações finalistas fracassaram, pois explicam o presente pelo futuro; e as explicações causais também fracassaram porque explicam o presente pelo passado. Mas os dois pensamentos, finalidade e causalidade, mesmo conflitantes, conseguiam conviver juntos aplicados de um lado, o pensamento finalista para a cultura com uma qualidade “motivo-meta”, e a causalidade aplicada à natureza como “causa-efeito”. Porém o modelo programático tem uma característica unívoca, não compartilha com

outra visão ao seu lado. O *ser* dentro desse sistema de símbolos e programação é o homo ludens.

Bibliografia

FLUSSER, Vilém – Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar – São Paulo, SP – É Realizações, 2019

FLUSSER, Vilém – Elogio da Superficialidade: o universo das imagens técnicas – São Paulo, SP – É Realizações, 2019

FLUSSER, Vilém – Filosofia da Caixa Preta – São Paulo, SP – É Realizações, 2018

FLUSSER, Vilém – Último Juízo – Gerações I - São Paulo, SP – É Realizações, 2017

Camus, Albert – O Mito de Sísifo – Rio de Janeiro, RJ – Record, 2020

FREIRE, Paulo – Pedagogia do Oprimido – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019

AGAMBEN, Giorgio – Estâncias – a palavra fantasma na cultura ocidental: Belo Horizonte MG: Editora UFMG, 2007

PLATÃO – Banquete – tradução PETRELLI, HUMBERTO ZANARDO: Limeira SP, 2019

AGOSTINHO, Santo – Patrística: O Mestre – São Paulo SP – ed. Paulus - 2014

KIERKEGAARD, Soren; O Conceito de Angústia. Universitária São Francisco, 2013

JORGE, Marco Antonio Coutinho – Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan vol. 1 – São Paulo, SP Zahar, 2000

JORGE, Marco Antonio Coutinho – Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan vol. 2 – São Paulo, SP Zahar, 2010

JORGE, Marco Antonio Coutinho – Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan vol. 3 – São Paulo, SP Zahar, 2017

Freud, Sigmund: Inibição, Sintoma e Angústia in Obras Completas. Companhia das Letras, 2014

LACAN, Jacques – Escritos – São Paulo, SP – Zahar – 1998 RUSSELL,

Bertrand; Conhecimento Humano. Editora Unesp, 2018 Hessen, Johannes;

Teoria do Conhecimento. WMF Martins Fontes, 2012

DRAWIN, Carlos Alberto - Ética e Modernidade. Revista Psicologia, ciência e Profissão. 1991

PESSOA, Fernando – Livro do desassossego – Nova Hamburgo , RS – Clube de Literatura Clássica – 2021